

## **A ecologia que salva e destrói, um breve olhar sobre ecoterrorismo na Literatura Contemporânea**

Profa. Dra. Bárbara M. Das Neves (FTESM/FAETEC/Marinha do Brasil)

“Antes ser um homem da sociedade, sou-o da natureza.”  
Donatien Alphonse François, Marquês de Sade

Na sua luta por tentar salvar o que ainda nos resta de natureza e no desespero de conscientizar a sociedade para os males que está causando, muitos grupos em prol do meio ambiente se utilizam de medidas um tanto quanto extremas para propagar suas ideias e chamar a atenção do mundo. Tais atitudes por vezes envolvem a destruição de equipamentos e um pouco de agressividade para com os outros seres humanos vistos como vilões da história. Tal atitude recebe vários nomes como no inglês “ecotage” ou “monkeywrenching”, em português tal atitude é mais conhecida como ecoterrorismo.

Antes que seja dado algum prosseguimento, torna-se relevante falar um pouco sobre esse estilo de manifestação, em geral condenado até por outras associações, como a famosa ONG Greenpeace. De acordo com J. Phillipon em seu artigo “Eco-Terrorism” (2002), ecoterrorismo na verdade não é apenas uma tentativa radical de salvar o meio ambiente. Ecoterrorismo pode tanto ter a já mencionada implicação de querer alertar as pessoas ou de salvar alguma espécie animal ou reserva ambiental, como pode ter um sentido mais sombrio no meio bélico. Acredita-se que as primeiras manifestações de ecoterrorismo foram na verdade técnicas de depredação do ecossistema de um país, tribo ou povo inimigo em uma tentativa de enfraquecê-lo e forçar sua rendição. Um exemplo disso seriam técnicas encontradas no Egito antigo de envenenamento de poços no deserto para que os soldados não pudessem reabastecer seus cantis e morressem de sede ou ficassem fracos demais para lutar.

Ecoterrorismo tenta promover uma distinção entre o que Arne Naess chama de uma ecologia superficial (“shallow ecology”) que é centrada nos interesses dos seres humanos, e uma ecologia mais profunda (“deep ecology”),

que traz à tona a questão do Ser (“Self”).<sup>1</sup> Tal atitude é melhor exemplificada na obra *Green Rage* (1990) de Christopher Manes, em que o grupo Earth First! (“A Terra Primeiro!”) advoga a necessidade por uma ecologia mais pela preservação da Natureza simplesmente por ser a Natureza, não pelo que Ela pode fazer pelos seres humanos:

Although there were many pragmatic, social reasons for protecting as much of the natural world as possible, Earth First! stood for the more radical proposition that the natural world should be preserved *for its own sake*, not for the sake of any real or imagined benefits to humanity. “A grizzly bear snuffling along Pelican Creek in Yellowstone National Park with her two cubs has a life just as full of meaning and dignity to her as my life is to me,” [Earth First! cofounder] Foreman asserts.<sup>2</sup> (MANES. 1990: 71.)

Phillipon também discute como o Ecoterrorismo começou a tomar mais força no mundo ocidental a partir do Earth Day (“Dia da Terra”) realizado nos Estados Unidos em 1970, em que várias manifestações de destruição de equipamentos e demonstrações de força foram usadas por ecologistas para atingir seus objetivos. Outros aspectos influentes foram a fundação do Greenpeace – que prega a não violência –, e a publicação de vários livros sobre salvação mais radical do ambiente, principalmente *The Anarchist Cookbook* (de William Powell, em 1971) e *The Monkey Wrench Gang* (por Edward Abbey, em 1976). Este último foi um dos grandes motivadores da fundação do grupo Earth First!.

Na obra de Margaret Atwood, *Oryx e Crake* (2003) vemos vários exemplos de como o ecoterrorismo pode manifestar-se desde obras de arte controversas até formas mais radicais. O que se vê neste livro é como uma sociedade futura vive em um mundo de meio ambiente dilacerado, algo que se reflete não somente na ausência de alguns tipos de animais e plantas, como até mesmo na forma como a sociedade é organizada. No “passado” da narrativa, ou seja, antes da dizimação da população mundial por uma doença misteriosa, aqueles que tinham condições para tal viviam como prisioneiros em

---

<sup>1</sup> PHILLIPON. 2002.

<sup>2</sup> “Apesar de haver vários motivos pragmáticos e sociais para proteger o máximo possível da Natureza, Earth First! Assumiu uma proposta mais radical de que o mundo natural deveria ser preservado *pelo que ele é*, e não por algum benefício real ou imaginário que possa trazer à humanidade. “Uma urso cinzenta farejando pelo Riacho Pelican no Parque Nacional de Yellowstone com seus dois filhotes tem uma vida tão cheia de sentido e dignidade quanto a minha,” afirma o [co-fundador do Earth First!] Foreman.” (Tradução da autora.)

Complexos. Os Complexos eram condomínios que agiam como pequenas cidades onde as necessidades de lazer, educação, trabalho, saúde e moradia seriam plenamente atendidas desde que a pessoa se sujeitasse a ser um “escravo” das empresas farmacêuticas que os controlavam. Tais lugares possuíam polícia e política próprias, tendo um novo governo onde o “real e legítimo” não tem vez. A questão da fidelidade à companhia que mantém esses condomínios fechados é um ponto primordial para a sobrevivência de seus membros e o direito de continuar usufruindo dos privilégios de tais lugares, independente de se concordar ou não com o trabalho que é produzido lá. Os que não tinham condições de viver nos complexos viviam nas cidades, lugares sujos, fétidos, onde se levava a vida em condições sub-humanas, com toda a sorte de criminalidade e doenças. Mesmo antes da destruição em que se apresenta o tempo ‘presente’ da obra, percebe-se que o apocalipse não estaria mesmo muito longe, como mostra a citação abaixo ao se referir às cidades onde as pessoas comuns viviam:

Jimmy nunca tinha estado na cidade. Ele só a havia visto pela TV – intermináveis cartazes e placas de néon e fileiras de prédios, incontáveis veículos de todos os tipos, alguns deles com nuvens de fumaça saindo da traseira; milhares de pessoas, correndo, gritando, protestando. Havia outras cidades também, perto e longe; algumas tinham bairros melhores, seu pai disse, quase igual aos Complexos, com muros altos cercando as casas, mas estas não apareciam muito na TV. (ATWOOD. 2004: 35).

Conforme o narrador Jimmy (também conhecido por Homem das Neves) cresce e vai para a universidade, entramos em contato com grupos que levam as manifestações em favor da natureza a um nível mais radical. Como exemplo podemos citar Amanda, uma artista e um caso amoroso na vida de Jimmy, que emprega materiais fétidos e repugnantes na busca de um alerta contra a destruição promovida pela humanidade. Amanda chama sua obra de Esculturas Vulturinas, ou seja, formar palavras com carcaças de animais mortos, esperar até que os abutres apareçam para comer a carne morta e fotografar todo o evento do alto, em um helicóptero.<sup>3</sup> Apesar de seu trabalho atrair até mesmo cartas inflamadas de grupos ecológicos, o que também ocorre com os grupos radicais como o Earth First!, Amanda acredita estar alertando a humanidade para seu eterno ciclo de produzir cadáveres, restos e entulhos, tão

---

<sup>3</sup> ATWOOD. 2004: 228.

prejudiciais ao ambiente.

Além da atuação mais artística de Amanda, outras manifestações em defesa do planeta aparecem ao longo da obra. Plantações de café são atacadas por carunchos modificados para resistir a pesticidas; roedores híbridos de porco-espinho e castor destroem correias de transmissão de carros, forçando as pessoas a andar; micróbios destroem o piche das estradas, tornando-as intransitáveis. Estas atitudes por sua vez são tomadas por um grupo na internet chamado DoidAdão, que tem Crake (amigo de Jimmy) como um de seus membros mais influentes. O que parecia ser apenas um grupo de defesa dos animais parece apresentar aspectos mais radicais nas suas atitudes.<sup>4</sup> Assim como os ecologistas mais radicais já mencionados antes, o grupo de DoidAdão acredita que seu trabalho está em chocar a população, até mesmo como uma forma de fazer com que grupos ecológicos mais tênues em atitudes sejam melhor vistos aos olhos do povo.<sup>5</sup> No entanto, a sociedade de *Oryx e Crake* já está muito deteriorada para se deixar levar por manifestações, sejam elas mais incisivas ou não.

No entanto, as representações de ecoterrorismo na obra de Atwood encontram seu apogeu na atitude final de Crake. A princípio é relevante ver os motivos que levam este brilhante cientista a uma atitude desesperada. Crake revela-se um grande pensador da situação da humanidade no planeta e de como ela desgasta os recursos naturais de forma indiscriminada.

(...) Como espécie, nós estamos muito encrocados, muito mais do que se imagina. Eles estão com medo de liberar as estatísticas porque as pessoas poderiam simplesmente desistir, mas escuta o que eu estou dizendo, o espaço-tempo está se esgotando. A demanda por recursos vêm excedendo a oferta há décadas em regiões geopolíticas marginais, por isso a seca e a fome; mas muito em breve a demanda vai exceder a oferta pra todo mundo. Com a Pílula BlyssPluss, a raça humana terá uma chance maior de sobrevivência.

- De que maneira? – Talvez Jimmy não devesse ter tomado aquele drinque extra. Ele estava ficando um tanto confuso.

- Menos gente, portanto mais espaço. (ATWOOD. 2004: 272).

Mais tarde, a já mencionada grande praga toma conta do planeta, fazendo

---

<sup>4</sup> ATWOOD. 2004: 200-201.

<sup>5</sup> Tal ambição também é partilhada pelos grupos como o Earth First!, eles acreditam que sua radicalidade atrai a antipatia do público, fazendo assim um favor aos grupos mais comedidos que passam a ser melhor vistos pela sociedade. (MANES. 1990:70.)

com que todos no mundo morram, à exceção de Jimmy, que havia sido secretamente imunizado por Crake, já que Jimmy seria aquele que deveria tomar conta das “crianças de Crake”. Enquanto cientista, o amigo de Jimmy cria uma raça híbrida de humanos com aspectos animais (um Dr. Moreau moderno)<sup>6</sup> na esperança de que esta nova raça saiba usar os recursos do planeta sabiamente e ajudar a natureza a se reparar. À época da grande epidemia estas “crianças” (híbridos de humanos com características animais) ainda viviam em um mundo experimental no laboratório. A praga, acredita-se, estava também inserida nas pílulas BlyssPluss, facilitando assim sua propagação. Essas pílulas funcionariam como um poderoso medicamento, comparável ao Viagra do mundo de hoje, que prometia rejuvenescimento e beleza a todos além de uma melhora no desempenho sexual. A humanidade extinta é então substituída por uma nova espécie, fisicamente melhor e mais preparada para o mundo apocalíptico que resta.

A humanidade na obra é sempre retratada na sua pior forma: consumista ao extremo e totalmente ignorante do risco que corre pela sua falta de consciência para com o ambiente. Neste mundo de grandes corporações farmacêuticas, a ciência é quem manda: não somente pelo controle dos já vistos Complexos, mas também até na educação, em que escolas destinadas aos estudos científicos (como o Instituto Watson-Crik de Crake) são muito mais cuidadas e bem tratadas que as de estudos mais voltados para os humanos (como exemplo temos a pobre escola de Jimmy, Martha Graham). A ciência nesta obra reflete a perspectiva otimista do século XIX e do início do século XX como a substituta de Deus e resposta a todos os problemas. Não importa a destruição que possa estar espreitando na esquina, a ciência resolverá tudo e ainda trará benefícios matérias aos que dela se utilizam. Sendo assim, a sociedade da obra mostra principalmente que o lucro é de maior importância que fazer o humano pensar sobre sua condição e buscar formas alternativas de garantir sua sobrevivência. Nesta sociedade esbanjadora as preocupações com o meio ambiente ficam em segundo plano, originando manifestações radicais e até mesmo

---

<sup>6</sup> Tal como o cientista Moreau na obra *The Island of Dr. Moreau* (1896), Crake quer brincar de Deus criando uma nova “humanidade” em que defeitos seriam corrigidos (como a necessidade de religião, a vaidade, o sexo que não fosse apenas visando a preservação da espécie, entre outros), melhorando a força e a resistência dos novos seres, plenamente adaptados a um novo mundo.

devastadoras para os humanos.

Por fim, a literatura, como um veículo que pode apresentar várias funções, inclusive a de denúncia, não poderia deixar de abordar os problemas vigentes bem como sugerir métodos de ação para solucioná-los, ou pelo menos apresentar formas que levem o leitor a uma conscientização e a uma releitura do mundo ao seu redor. Roland Barthes discute na sua obra *O Rumor da Língua* (1984) como o autor emprega o que já existe no mundo, que seu trabalho não é de todo original e que sua genialidade está justamente na sua capacidade de escolher o que deve ou não fazer parte de sua seleção, mesclando, excluindo, fornecendo o devido embasamento.<sup>7</sup> Por este viés, a distopia, com seu caráter de alerta, é um dos gêneros que muito contribui para esta reflexão, apropriando-se de elementos do mundo dito 'real', o autor apresenta problemas e questionamentos que passariam despercebidos na sociedade.

Neste artigo foi possível discutir brevemente a relação entre o humano e o não humano, em especial como esta relação em grande parte se apresenta de forma perniciosa para a natureza, pois esta é explorada e abusada em prol de valores que por muitas vezes são supervalorizados inutilmente.

O dinheiro aparece como uma das principais causas da devastação promovendo uma satisfação momentânea na aquisição de bens, mas não podendo garantir uma permanência do bem maior que é o planeta. Boas casas, bons empregos, carros e compras, enfim, tudo que é visto de forma essencial pela sociedade capitalista ocidental pode terminar por levar a uma grande catástrofe, tal qual é vista na obra discutida, *Oryx e Crake*, de Atwood.

Apesar de a obra aqui discutida apresentar pessoas que de alguma forma se mostram preocupadas com a defesa do meio ambiente, a relação entre humanos e não-humanos ainda se apresenta de forma conflitante. A agressividade das esculturas com urubus é apenas a ponta do iceberg que se pode perceber mais tarde com a extinção da natureza. Nesta obra a sociedade é apresentada em dois grandes extremos: de um lado existem aqueles que não estão nem um pouco preocupados com o que acontece com o mundo que os cerca, por outro existem aqueles que só veem a solução na extinção da

---

<sup>7</sup> BARTHES. 2004:62.

humanidade. De qualquer maneira não há equilíbrio e as esferas que formam o mundo (o homem e a natureza) ainda não são vistas de forma integrada. Mesmo com o cientista Crake atingindo seu objetivo de destruição da humanidade, o que ele acredita ser a resolução final, o que ocorre ainda é uma perda, pois ninguém aprendeu nada. Foi necessário que ele criasse uma nova espécie híbrida para que uma nova “humanidade” ocupasse o planeta. Mais uma vez uma manipulação científica se fez necessária, mas de que adiantou se o ser humano ainda se manteve na sua ignorância?

Buscar uma relação harmoniosa entre as várias esferas que compõem o mundo não é uma tarefa fácil. A destruição já está há muito impregnada nos hábitos das sociedades (especialmente no mundo ocidental) para que de uma hora para outra atitudes sejam modificadas. Ainda assim, não são atitudes tão radicais que vão efetivamente ajudar. O caminho a percorrer é longo, requer conscientização, a ‘limpeza interna’ proposta por Félix Guattari, mas só assim é que realmente se pode chegar a um desenvolvimento em que ninguém perca e todos ganhem.

**Bibliografia:**

- ATWOOD, Margaret. *Oryx e Crake*. Rocco, Rio de Janeiro, 2004.
- BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papirus, 1990.
- MANES, Christopher. *Green Rage: Radical environmentalism and the unmaking of civilization*. Boston: Little, Brown and Co., 1990.
- PHILLIPON, Daniel J. Eco-Terrorism. (2002) Disponível em: [http://www.findarticles.com/p/articles/mi\\_g1epc/is\\_tov/ai\\_2419100390](http://www.findarticles.com/p/articles/mi_g1epc/is_tov/ai_2419100390) Acesso em: 06 de junho de 2006.
- ROBERTS, Adam. *Science Fiction*. New York: Routledge, 2000.
- RUECKERT, William. "Literature and Ecology". In: GLOTFELT, Cheryll & FROMM, Harold (eds.) *The Ecocriticism Reader – Landmarks in literary ecology*. Athens and London: University of Georgia Press, 1996.
- WELLS, H. G. *The Island of Dr. Moreau*. New York: Dover Publications, 1996.